

Saberes de professor com formação européia em Santos (década de 1910)

Maria Aparecida Franco Pereira*

Coordenadoria de Pós Graduação Stricto Sensu e Pesquisa, Pós Graduação, Universidade Católica de Santos (UNISANTOS),
Rua Carvalho de Mendonça, 144, Vila Mathias, CEP 11070906, Santos, SP, Brasil,
e-mail: cidafranco@unisantos.br

O objeto deste artigo é o estudo dos saberes de um professor que teve formação européia e atuou na cidade de Santos, a partir da primeira década do século XX. Neste momento reflete-se sobre um documento publicado pelo Prof. Alcides Luiz Alves, fruto de sua prática docente na escola da Sociedade União Operária. Foram importantes para a compreensão do texto a contribuição dos estudos de Luzuriaga (1985), Carreño (1985) e Monteiro (2006) nos aspectos dos princípios da Escola Nova, e de Pereira (1996) para a visão da realidade educacional de Santos, na Primeira República. A metodologia utilizada foram as fontes primária e bibliográfica., principalmente nos arquivos da Sociedade União Operária de Santos Levantados os dados, ensaiou-se reflexão sobre o documentos, a partir de categorias temáticas da Escola Nova. Como resultado da pesquisa, ficou esboçada uma ligeira biografia do professor e aspectos do pensamento pedagógico do professor Alcides Luiz Alves.

Palavras-chave: Formação docente. Escola Nova. Prática pedagógica.

Teacher's Instruction based on European education in Santos (1910's)

The subject of this article is the study of a teacher's instruction based on European education that took part in the city of Santos, since the first decade of the 20th century. At this moment we reflect on the document published by the teacher Alcides Luiz Alves, based on his teaching practice at the school of Sociedade União Operária. To comprehend the text were important the contribution of the studies by Luzuriaga (1985), Carreño (1985) e Monteiro (2006) about the sources of New School, and Pereira (1996) to take a look at the reality of instruction in Santos, at the First Republic in Brasil. The method used was the research on primary and library sources, mainly the archives from the Sociedade União Operária of Santos. By raising the information, we rehearsed to ponder on the documents, from the subject categories of New School. As a result, we sketched the teacher's brief biography and some pedagogical thinking of Alcides Luiz Alves.

Keywords: Teacher's instruction. New school. Teaching practice.

1 Introdução

Os textos escritos por professores sobre sua prática educativa nas primeiras décadas do século XX não são tão comuns. Por isso, um achado assim

torna a historiografia mais rica, pois dá oportunidade para se refletir sobre a história da Educação, entrelaçando os aspectos teóricos e pedagógicos.

* Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica de Santos (1961), graduação em História pela Universidade Católica de Santos (1972), graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Nossa Senhora Assunção (1976), mestrado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1981) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é professor titular da Universidade Católica de Santos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Santos, História, Educação, escola e mulheres.

O texto de Alcides Hypolito Luiz Alves, em apreço neste trabalho, refere-se a uma série de pedidos-sugestão à diretoria da Sociedade União Operária, de Santos, onde atua como professor da seção masculina. Está inserido no contexto da Educação paulista da Primeira República¹. Nele faz reflexões, várias delas colocadas na dimensão da Escola Nova. Algumas são ligadas à adequação mais da aprendizagem, porém a grande luz cai sobre o ensino que prepare os jovens para sua inserção na sociedade. Nesta pesquisa estão presentes os estudos dos pensadores espanhóis Lorenzo Luzuriaga e Myryam Carreño. A conceituação utilizada sobre Escola Nova foi extraída de Agostinho Reis Monteiro², da Universidade de Lisboa:

“Chamo Educação Nova a um movimento pedagógico contemporâneo que só é novo porque se adapta às necessidades novas da sociedade de hoje. De modo algum é teórico, mas prático. Afirmou-se tanto na Europa como na América, pela criação de quase cem escolas novas que rompem, todas, com uma rotina secular e tendem a tornar a instrução e a educação ao mesmo tempo mais psicológicas e mais sociais” (p. 84).

E conclui:

“Este movimento pedagógico nasceu de uma dupla necessidade e tende para um duplo ideal: 1. adaptar os meios de educação à natureza psicológica da criança; 2. preparar a juventude para a vida social, intelectual e moral contemporânea” (p. 84).

Em 1910, data do documento, o movimento da Escola Nova ainda não está sistematizado e se desdobra nas realizações práticas. A Suíça, onde estudara o autor, já respirava o ar escolanovista. Em 1899, Adolphe Ferrière havia fundado em Genebra a Oficina Internacional das Escolas Novas que vai se firmar um pouco mais tarde com autoridade (1912).

2 O documento

Datado de 26 de dezembro de 1910, encontra-se arquivado na pasta de correspondência da

1 PEREIRA, Maria Aparecida Franco. Santos nos caminhos da educação popular (1870-1920). São Paulo: Loyola, 1996.

2 História da Educação: do antigo “direito de educação” ao novo “direito à educação”. São Paulo: Cortez, 2006.

Sociedade União Operária de Santos, Brasil, uma “carta-programa”, autografada por Alcides Hypolito Luiz Alves, na qual, à guisa de conclusão de ano letivo, faz uma série de sugestões aos diretores da instituição. Basicamente, podem ser resumidas em três blocos de questões:

- a) notas para a elaboração de um currículo de classes mais avançadas para seus concluintes terem acesso a cursos de formação profissional em instituições existentes na cidade (Academia de Comércio, 1908; Liceu Feminino Santista, 1902 – formação de professoras).
- b) problema de co-educação, privilegiando a instrução das mulheres.
- c) discussão relacionada à disciplina escolar, uma vez que sugere o desenvolvimento de normas de civilidade.

Secundariamente, aparecem temáticas que podem ser aprofundadas em outros estudos:

- 1 importância da pedagogia científica, “pedagogia hodierna”, acusando transformações que podem filiar-se ao movimento renovador escolanovista.

“Não ignorais, certo, quaes os desvelos que as nações collocadas na vanguarda da civilização tem sobre a instrução, não desconheceis as transformações que nellas [...] se dão em tal terreno – transformações promanadas da experiencia e do estudo feitos não a esmo e sim maduramente, methodicos pelos educadores da juventude” (fl. 1).

- 2 sua inspiração filosófica está dentro do contexto da época, ou seja, do positivismo: “Progredir é resultante da Ordem, isto é, do bom funcionamento de qualquer Obra em execução ou prestes a ser (...)” (fl. 1).
- 3 um bloco de elementos ou dispositivos da cultura escolar, como uso de boletins, a organização do horário das aulas e das classes escolares, seleção de conteúdo, material escolar etc.
- 4 educação x instrução.

O documento, composto de nove laudas, é escrito em caligrafia clara e esmerada, na forma inclinada, e revela na sua estrutura interna o desenvolvimento de um roteiro bem elaborado de ideias.

3 O autor

Alcides Hypolito Luiz Alves (falecido em maio de 1964) é o professor de uma classe da seção masculina da Escola da Sociedade União Operária desde 1908. É licenciado pela Faculdade de Letras de Lausanne, na Suíça, na época em que as idéias da Escola Nova estavam se desenvolvendo nesse país e nos vizinhos. Lá existia o Instituto Jean-Jacques Rousseau. A Suíça distingue-se também por suas escolas novas fundadas a partir de 1907 (cf. Luzuriaga; Carreño)³. Alcides Alves faz alusão, em seu texto, ao conhecimento do pensamento dos norte-americanos, suíços, alemães e franceses, principalmente na educação da infância. Entendemos que é aí que está sua formação das novas ideias. Por que e como foi parar em Lausanne? São questões ainda sem resposta.

As viagens de professores e intelectuais para outros lugares, importantes para o estudo da circulação de ideias, estão no momento sendo pesquisadas na historiografia da Educação brasileira. Anna Cristina Venâncio Mignot e José Gonçalves Gondra, organizadores de **Viagens Pedagógicas**⁴, reúnem um grupo de historiadores lusos e brasileiros (e um francês) que trata dessa problemática nova em *História da Educação*.

Teve Alcides Alves atuação docente em outras escolas importantes da cidade como a Academia do Comércio e o Liceu Feminino Santista (1910). Sua participação mais longa foi na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Santos, desde 1913, cerca de três décadas, como professor e como secretário da Escola de Enfermeiros e Parteiros, depois denominada “Dr. Amâncio da Cunha Mota”. Os dados biográficos desse professor foram colhidos, reunindo “migalhas” aqui e acolá; uma inicial reconstrução de um quebra-cabeça. Apesar de ter nome de rua, hoje é uma personalidade desconhecida até nos meios educacionais. São suas palavras, em um artigo que publicou sobre o pintor Benedito Calixto: “Ante o imperativo da morte, nos tornamos deslembados dos que nos sucedem”⁵. Foi possível,

porém, esboçar uma silhueta do importante professor, inspirada nos próprios dizeres de Alcides a respeito de Calixto: “Só os que se alçam entre seus contemporâneos pela cultura, inteligência, virtude ou pelo trabalho construtor, têm o dom de deixar seus nomes perpetuados na lembrança e na admiração”.

4 O entorno social

É da participação da Escola da Sociedade União Operária que – como já foi dito – é produzido esse texto, quando a instituição, fundada em 1890, estava na sua segunda década de existência e ainda com experiência educacional titubeante. Seus dirigentes são pessoas com grande militância social, mas não têm formação acadêmica. Nascida em uma cidade portuária, que estava se modernizando, a Sociedade foi fundada por um grupo de operários e mestres-de-obras da construção civil, alguns de inspiração anarquista, com sócios em grande parte imigrantes: portugueses, espanhóis e, em menor escala, italianos. Em 1902, possuía 1.700 sócios⁶. Entidade de auxílio mútuo e instrução (saúde, funeral, desemprego, crédito, recursos jurídicos), colocava a formação cultural em destaque:

“Manter uma bibliotheca para o gozo exclusivo dos associados” (art. 6º).

“Criar escolas de instrução primaria e secundaria e de artes e officios para os associados e seus filhos, para os filhos dos associados fallecidos e para os dos proletarios e operários que viverem sem recursos” (art. 7º).

“Promover conferencias que aproveitem ao adeantamento moral, intellectual e economico dos associados” (art. 8º).

A Sociedade União Operária começa com o curso noturno para os operários e seus filhos maiores, em 1º de agosto de 1890. Em 22 de janeiro de 1906 é inaugurado o curso primário somente para meninos e, dois anos depois (1908), o curso primário feminino. Durante o ano de 1909, funcionava em sua sede própria que ficava na rua Henrique Porchat, nº 29, na Vila Nova. Tinha duas classes diurnas (uma para cada sexo) e uma masculina noturna, num total de 176 alunos. Sua biblioteca possuía

3 LUZURIAGA, Lorenzo. *História da Educação e da Pedagogia*. 16. ed. São Paulo: Nacional, 1985. pp. 227-241; CARREÑO, Myriam. El movimiento de la Escuela Nueva. In: _____. (ed.) *Teorias e instituciones contemporâneas de educación*. Madrid: Síntesis, 1985. pp. 13-44.

4 O livro é publicado pela Cortez (São Paulo), 2007.

5 Flamma, Santos, dez. 1953.

6 Almanach e Anuario do Diário de Santos, 1902-1903, 2ª parte, p. 97.

1.243 obras e gabinete de leitura – frequentado diariamente – com 72 jornais⁷.

Santos, nessa primeira década do século XX, está vencendo suas epidemias mortíferas, tornando-se uma cidade saneada, passando por um processo radical de urbanização, ocasionado em parte pela ampliação e modernização do porto, a partir de 1890. Desde a 2ª metade do século XIX (1867, inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Railway), a economia do café comanda a cidade. Sua população aumenta vertiginosamente e a imigração européia e, depois, a japonesa vem compor a vida econômica e social da cidade, abrindo novas exigências e problemas que devem ser enfrentados como a saúde, a habitação e a escolarização. Novos empregos, principalmente do setor terciário (economia de serviços), dão oportunidade para a população conquistar melhor qualidade de vida.

A escola torna-se a parceira da cidade na normatização das novas exigências urbanas. “Assim a própria escola passou a ser interpretada como um equipamento urbano e sofreu intervenção técnica, recebendo dispositivos que asseguravam higiene e salubridade ao ambiente”⁸. E ela será o local onde a população irá buscar a formação necessária para a melhoria da sua condição de vida.

5 As ideias centrais do documento

- Elaboração do currículo:

Na realidade, o professor Alcides Alves não faz nenhuma inovação nas disciplinas. Ele somente reproduz as sugestões oficiais encaminhadas pelo Dr. Adolfo Porchat de Assis, diretor da Academia do Comércio, propedêuticas e necessárias para os exames de suficiência. Reitera a importância de se instruir eficazmente nos rudimentos do cálculo, da língua materna, da história e da geografia pátria: é necessário tornar mais extensos esses conteúdos, “mais coadunantes com a classe a que grande parte dos nossos educandos pertence”. Desejando já por em prática algumas modificações no ensino dos meninos, diz:

⁷ Almanak de 1910 para Santos e S. Vicente. p. 101.

⁸ VEIGA, Cynthia Greive. História da Educação. São Paulo: Ática, 2007. p. 209.

“[...] eu, com vagar, farei uma combinação das matérias que eu tenho aqui o prazer de ensinar com as que o exame de suficiencia requer. É muito simples o programma pautado tal fim. Pede elle [...] elementos da língua portuguesa, arithmetica té (sic) frações decimaes e um pouco de metrologia, as principaes phases por que tem passado o nosso país e finalmente a nomenclatura geographica, Estados e suas capitaes, do Brasil” (fl. 5).

O professor reúne na classe alunos de vários graus de adiantamento (séries) e explica para as autoridades da Sociedade como irá atuar. Há uma crítica à história factual:

“A História Pátria dou-a exclusivamente aos que já possam por ella se interessar, pois que sendo árida, devido ás datas e ao grande número de personagens que nella figuram, é um pesadissimo fardo para cérebro de todo ainda não desenvolvidos e igualmente o faço em Cosmographia, Aritmética Progressiva, Elementos de Álgebra, Geometria e Geologia, sciencias de estudo secundário. Restam-me ministrar Francês e Historia Natural” (fls. 5 e 6).

Não fica claro o que o professor faz de diferente ao ensinar a História dos Povos, mas desenvolve um campo de experiência, princípio caro à Escola Nova (escola-laboratório de prática pedagógica):

“Eu, neste anno, dei início ao estudo da História dos Povos, por experiência, e satisfez-me de sobejo o seu resultado. Vi que com o seu conhecimento os alumnos intellectualmente mais se desenvolveram, baseando-me eu nas composições que semanalmente me apresentavam” (fl. 5).

Por que haveria mais interesse na história dos povos do que na do próprio país? Haveria alguma relação com o fato de ser uma escola frequentada por alunos pertencentes a famílias de imigrantes? Ao organizar o currículo, o professor Alcides queixase de que, na realidade, a escola funciona com classe de alunos muito numerosa e é preciso desdobrar a seção masculina em duas turmas:

“A classe porém que terá de seguir essas matérias não deve atingir a 50 alumnos. Comprehendem os senhores não ser possível assumir sem gastos

de forças do organismo, a responsabilidade do preparo de um forte numero de educandos. Fica o serviço mal feito, e a cada passo o desanimo acompanha não somente quem aprende como a quem ensina. Foi o que muitas vês commigo succedeu, dês que me incumbiram de chefiar a secção masculina” (fl. 6).

O modelo estrangeiro e a inovação dos grupos escolares estaduais aparecem: neles “as classes se formam, no máximo, com 30 alunos”.

- Co-educação e educação feminina:

A Escola Nova pede a co-educação dos sexos. Entre os 30 princípios do movimento escolanovista, da Oficina Internacional das Escolas Novas de Genebra, apresentados por René Hubert, aparece a co-educação em quinto lugar⁹. O professor Alcides Alves discute com agudeza seu ponto de vista, adepto da co-educação: “Eu sou dos que entusiasticamente aplaudem o modo com que os norte-americanos, os allemães, suissos e franceses educam a infância, juntando os dois sexos nos mesmos edificios escolares e fazendo-os sentar nos mesmos bancos”. Argumenta que a convivência dos dois sexos lado a lado nos bancos escolares é um meio de tornar os meninos menos violentos em seu modo de agir, de fazê-los aprender a respeitar o sexo feminino e de ter mais incentivo para estudar:

“A moral nada se empana, pois que se torna mais benéfico. Tenho reparado também, senhores directores, em nosso país e alhures, que há mais estímulo, mais vontade de aprender quando os dóis sexos juntamente estudam que separados. Notai-os nas horas de recreação: os meninos como que compreendendo os sentimentos mais requintados e mais delicados das suas collegas, com ellas folgam sem buscar os jogos violentos de grande movimentação e de cujos resultados bastas veses se entendiam os educadores...” (fl. 4).

Ao tratar da educação feminina, Alcides Alves acompanha o pensamento de muitos pensadores sobre a mulher na sua época, com algumas idéias

avanzadas. Entretanto, ainda há outros que preferem que à mulher coubessem somente os encargos do lar. Em 1902, a professora normalista Eunice Caldas, irmã de Vital Brasil, fundava em Santos, com um grupo de mulheres, o Liceu Feminino Santista, com o fim de “tirar o elemento feminino da sua inércia”, por meio de uma formação para o Magistério. Já ao final do século XIX, nas cidades, o estrato feminino da classe média, cada vez mais, embora gradativamente, chegava à escola primária, porém em número bem menor nas escolas secundárias. É essa situação que o professor Alcides quer reverter: “Descurada há sido té hoje, senhores directores, a educação da Mulher” (fl. 3). Entretanto, já se multiplicam no Rio de Janeiro e em São Paulo instituições destinadas a cultivar as mulheres e “torná-las mais aptas a lutar pela vida”. Observa que “as alumnas oriundas de lares remediados, de certo conforto e cujos pais não necessitam inda de sua coadjuvação, muito lucrariam se, uma vês preparadas, entrassem no Lyceu Feminino ou mesmo na Academia” (fl. 2).

Em Santos, a população imigrante e seus descendentes, que eram a grande clientela da Escola da Sociedade União Operária, embora não miseráveis, passavam por necessidades. Se observarmos os livros de matrícula, diversos lares também eram comandados por mulheres (solteiras ou viúvas). Assim, o viés econômico era poderosa arma para abrir os caminhos para o emprego feminino, principalmente quando as mulheres necessitavam do seu salário para seu sustento ou para completar a renda familiar. Susan Kent Besse¹⁰ observa que:

“Para as mulheres solteiras e viúvas de classe média cujos parentes não podiam oferecer ajuda econômica, o acesso a bons empregos era também considerado especialmente importante para protegê-las da fome, da queda na prostituição ou de ter que aceitar uma proposta de casamento indesejável. O argumento da necessidade econômica era tão bem aceito socialmente que muitas mulheres o utilizaram para explicar sua participação na força de trabalho, quando podia não ter sido esse o fator decisivo”.

9 A Profa. Dra. Myriam Carreño, da Universidade Complutense de Madrid, mostra os 30 princípios do movimento escolanovista, da Oficina Internacional das Escolas Novas de Genebra, apresentados por René Hubert. Op. cit. pp. 29-30.

10 Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: Edusp, 1999. pp. 147-148. A obra dá excelentes subsídios para discutir o trabalho feminino.

Alcides Alves critica a educação dada às meninas e propõe um plano especial para as alunas com um estudo mais ou menos idêntico ao da seção masculina. Observa que se lhes restringe, à época, o horizonte intelectual, com noções mais simples somente para que convivam com brio o cotidiano: apenas “dois dedos de sciencia e outro tanto de arte de bem falar e escrever, um pouco de música” para transitarem em locais de sociabilidade (fl. 3). Nada mais da vida prática lhes é dito e, assim, “ficam ellas eternamente sem acção, sem energias, receiosas de qualquer infortúnio, dependentes do Homem”... (ibid.). “Não há dúvida que essa educação que tem sido a característica do sexo feminino na indígena sociedade traz suas vantagens. [...] Si pensarmos todavia que a costura, o bordado e outras que tais coisas ensinadas ás nossas compatriotas não as isentam da fome nem do frio, nos convenceremos que a intellectualidade deve ser mais desenvolvida”.

Em Santos, nas primeiras décadas do século XX, mulheres operárias exerciam suas atividades em empregos nos setores da economia cafeeira, colhendo café, costurando sacos de aniagem, nos armazéns, em casa, como operárias da Companhia Santista de Tecelagem ou em pequenos comércios (bares, quitandas etc.). Maria Izilda Santos Matos diz que a mulher imigrante santista foi “elemento de suma importância no espaço da cidade, do porto e dos domicílios, trabalhando e resistindo”. Elas “sempre estiveram muito presentes no universo do trabalho, nas fábricas, nos estabelecimentos comerciais ou em ‘atividades informais’”¹¹.

É verdade que o professor Alcides queria uma escola que não apresentasse o divórcio entre cultura e trabalho e dirigia sua proposta para o elemento feminino que tinha possibilidades de continuar o seu estudo; porém, também havia a situação da mulher de pior condição que precisava de uma escola que lhe desse um preparo para enfrentar a vida dentro e fora de casa. As tarefas aceitas para as mulheres eram aquelas que não as tiravam de seus papéis familiares e domésticos, de esposa e mãe, de dona de casa (professora, enfermeira, governanta, empregada doméstica etc.). Não por em risco sua missão e sua feminilidade era frequentemente repetido. O professor Alcides, em seu texto, lembra que

tornar as mulheres aptas para a luta da sobrevivência não quer dizer que “com isso percam as suas emotividades nem os deveres apegados ao seu sexo” (fls. 4 e 5).

Outro aspecto que chama atenção na explanação do professor Alcides Alves é a questão da disciplina escolar. No corpo do texto, escreve que a escola tem o dever, segundo os seus Estatutos, de atender aos seus associados, os operários e seus filhos. Ele lembra, porém, que a escola não é uma instituição corretiva de jovens indisciplinados e, portanto, sugere que os alunos devam ser selecionados, a partir do “prévio conhecimento de seus precedentes”. “É o único meio de estarmos afastados de elementos nocivos, inúteis, péssimos” (fl. 7). Essas observações nos fazem crer que a instituição enfrenta problemas de disciplina escolar. A escola tem um Livro de Ocorrências (1904) no qual, entretanto, não há muitas anotações¹². Há, no Livro de Atas da Sociedade, por exemplo, o registro, datado de 22 de novembro de 1902, da “insubordinação elevadíssima dos alunos B.F. e M.D.”¹³, feito pelo professor Luiz Cardozo da Silva, e de “suspensão dos dois alunos por três meses”(!), mantida pela Diretoria da Sociedade e comunicada aos pais. O que eles teriam feito?! Há alunos que são suspensos na escola noturna por estarem dormindo durante a aula!

Por outro lado, o texto do professor Alcides não discorre sobre alunos indisciplinados (precisam ser evitados!), mas apresenta uma chamada para o aspecto de formação que envolve as normas de civilidade. Os textos sobre “bom-tom”, cortesia, civilidade, etiquetas, eram comuns na educação brasileira. Um deles está contido na “Encyclopedia Primária” ou “Manual completo e methodico da instrução primaria”, obra que o Dr. Joaquim Maria de Lacerda¹⁴ organizou “para uso das escolas primarias do Brazil”, editada em 1882. Publicando um programa detalhado com mais de 482 páginas, a “Encyclopedia” termina o volume com “Algumas regras de civilidade”, em que se encon-

11 História, memória, cotidiano privado: o masculino e o feminino no porto do café (1890-1930). In: PEREIRA, Maria Aparecida F. et al. Café, Santos & História. Santos: Leopoldianum, 1995. pp. 67-88.

12 Inserido em um livro “híbrido” mais amplo ocupa somente as páginas 91 a 96, a partir de 6 de fevereiro de 2004.

13 No Livro de Ocorrências os nomes não estão abreviados.

14 O Dr. Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886) é autor de várias obras didáticas: Pequena Geografia da Infância, composta para uso das Escolas Primárias – Curso Primeiro (1928); Pequena história do Brasil por perguntas e respostas (completada por Olavo Bilac, 1906), entre outras.

tram os seguintes itens, após uma introdução: “Do aceio”, “Como se deve estar diante de pessoas de respeito”, “Modo de portar-se na rua e em qualquer lugar publico”, “Das visitas”, “Da comida em geral”, “Defeitos que se devem evitar em sociedade”. Nela se encontram as afirmações: “A civilidade foi sempre considerada como prenda indispensável a toda pessoa bem educada” e “A grosseria e falta de polidez nos desagradam em um menino tanto como em um homem feito” (p. 472). O código de civilidade existe para organizar e harmonizar as relações de convivência entre as pessoas. No texto de Lacerda, as regras vão desde as lições de higiene, asseio, até como se comportar na rua ou em qualquer lugar público, à mesa, com visitas, em sociedade etc. (pp. 467-471). A “Encyclopedia” orienta no item “Como se deve estar diante das pessoas de respeito (p. 473): “É contra a civilidade [...] bocejar, adormecer”. “É contra a civilidade limpar com o guardanapo o seu prato, copo ou talher, pois isto offende os donos da casa, de cujo aceio parece duvidar” (p. 473). Outras inúmeras regras sobre o modo de estar à mesa estão lá. Entre elas: “Ao comer a sopa, não se deve encher muito a colher nem assoprar. Convém também não encher demasiado o copo para não entornar por fora”. E também que não se deve beber, quando se tem a boca cheia de comida; lambem os dedos etc. (pp. 475-476).

Algumas regras aparecem também na Escola da Sociedade União Operária, manuscritas e coladas em um livro de matrícula (1902). São sete, sendo que duas referem-se ao asseio; três são pedagógicas e duas dizem respeito à urbanidade. Sob o título de “deveres dos alunos”, são: “1. Trajar asseiadamente; 2. Comparecer diariamente à hora marcada; 3. Observar os preceitos de hygiene; 4. Tratar com delicadeza e urbanidade os professores, diretor e demais funcionários; 5. Cumprir as determinações dos professores; 6. Evitar estragos no Edifício e objetos; 7. Tratarem-se com amizade uns aos outros, evitando brinquedos prejudiciaes, denunciaes e delações, devendo, entretanto, dizer a verdade quando tiverem conhecimento de algum fato grave que entre elles tenha se dado e sobre o mesmo forem interrogados”.

Alcides Hypolito Luiz Alves faz ponderações interessantes sobre as regras de convivência importantes em qualquer lugar onde se comutem relações. A existência de indisciplina leva o professor a sugerir

que a escola, ajudada pelos pais, pode amainar o caráter e o aluno: “de mau torna-se bom, sem que o educador use de castigos phisicos ou moraes” (fl. 7). Como a Escola da Sociedade lida com pessoas de condição mais simples, observa:

“Todo homem plebeu ou de nobre estirpe tem que conhecer os deveres sociais, o modo de ser affavel para com o seu próximo, si quizer captar sympathias e agradavel ao meio em que vive” (fls. 7 e 8).

“O operário é um cavalheiro de blusa, sempre obsequioso, a cada passo gentil, e as crianças respeitam os anciãos e os infelizes” (fl. 8).

Chama atenção para práticas que devem ser evitadas: “Em França, por exemplo, é raro, raríssimo até, ver-se uma parede com pinturas obscenas, ouvir-se nas ruas palavrões, e as senhoras não terem o respeito merecido. Ellas saem, passeiam, confiadas na educação efficaz dos seus patrícios” (fl. 8). Como podemos observar, algumas manifestações da juventude são repetidas: palavrões, grafitagem...

Ao terminar, por ora, essas considerações, pensamos que, seguramente, muitas das sugestões colocadas pelo professor Alcides Hypolito Luiz Alves não foram atendidas; ou porque as sementes não encontravam ainda terreno propício ou porque a escola ainda estava nos seus inícios, ou ainda por outros vários argumentos. Sabemos do apreço que os dirigentes da Sociedade tinham pela cultura letrada, mas seguramente limitada. Transcrevo aqui um trecho de um discurso de formatura, no final de 1931, que é significativo para as primeiras dezenas de anos da instituição:

“É sempre considerado um grande dia, nesta casa, o do encerramento das aulas, pois significa mais passo á frente para todos os que aqui trabalham, tanto para os professores e professoras que ensinam quanto para os alunos que aprendem. (...), Homem sem instrução, pois mal me foi dado aprender as primeiras letras, e absorvido pelos afazeres da minha vida de comerciante, não tenho competência para apreciar os resultados do vosso trabalho. Mas a dedicação com que sirvo esta Sociedade, a ponto de não deixar de visitá-la um só dia, me habilita a formar juízo sobre o esforço dos que trabalharam, no correr

do ano letivo, que hoje se encerra sob tão bons auspícios. Como presidente da Sociedade União Operária, não devo, pois, deixar de declarar que me sinto satisfeito com o trabalho dos professores e professoras, cuja dedicação aos seus deveres me foi grato testemunhar”. Presidente José dos Santos Sobrinho¹⁵

O mestre Alcides Alves, parece-nos, tinha boa bagagem cultural. Continuou mais alguns anos na Escola da Sociedade União Operária (que existe ainda hoje). Seu nome circulava de quando em vez pelas notícias de jornal. Autor deste texto, deu-nos oportunidade de conhecer, além de seu pensamento, um pouco das práticas de sua carreira de professor.

Fontes

Almanach e Anuario do Diário de Santos, 1902-1903, 2ª parte.

Almanak de 1910 para Santos e S. Vicente.

SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA.

- **Livro de Atas n.1 e Livro de Ocorrências(1904).**
- **Relatório de 1931.**

- **Carta** de Alcides Luiz Alves dirigida aos dirigentes da Sociedade União Operária, 1910 (documentos avulsos).
- Flamma, Santos, dezembro de 1953 (Revista).

Referências Bibliográficas

- BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade:** reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: Edusp, 1999.
- CARREÑO, M. El movimiento de la Escuela Nueva. In: ____ (ed.). **Teorias e instituciones contemporáneas de educación.** Madrid: Síntesis, 1985.
- LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia.** 16. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- MATOS, M. I. História, memória, cotidiano privado: o masculino e o feminino no porto do café (1890-1930). In: PEREIRA, M. A. F. et al. **Café, Santos & História.** Santos: Leopoldianum, 1995. pp. 67-88.
- MONTEIRO, A. R. **História da Educação:** do antigo “direito de educação” ao novo “direito à educação”. São Paulo: Cortez, 2006.
- PEREIRA, M. A. F. P. **Santos nos caminhos da educação popular (1870-1920).** São Paulo: Loyola, 1996.
- VEIGA, C.G. **História da Educação.** São Paulo: Ática, 2007.

¹⁵ Sociedade União Operária, 1931. p. 9. (Encerramento das aulas.)